

ÉTICA E RESPONSABILIDADE:

“O pão nosso de cada dia”

Milton César Gerhardt¹

Walter Frantz²

Em meio a uma crise (ética e ambiental) que, sob certo aspecto, beira o caos, estamos todos e todas inseridos num contexto que requer pensar sobre o sentido humano. A crise está “instalada” pelo desequilíbrio da relação entre o modo de vida contemporâneo e a natureza. Diante dessa situação, um dos maiores desafios atuais à humanidade está relacionado com o rumo e o sentido da relação entre economia e meio ambiente. Em meio a uma “sociedade de consumo”, fundada em desejos e interesses, para além da suficiência às necessidades de uma vida digna, coloca-se a questão da transcendência, isto é, da vida futura. Ou dito de modo simples: até onde o meio ambiente suporta a nossa “pegada” sem comprometer a vida das próximas gerações?

Ao prever os perigos do futuro, que nos ameaçam, podemos remeter para longe (global), mas podemos também olhar ao nosso entorno e nos enxergar como seres que precisam pensar o seu lugar de vida (local). Como tal temos diferentes níveis e dimensões de responsabilidades, embora nem sempre fáceis de perceber e compreender e, a partir disso, pautar os “comportamentos da pegada humana” no Planeta Terra.

Só sabemos o que está em jogo quando sabemos que está em jogo. Como se trata não apenas do destino do homem, mas também da imagem do homem, não apenas da sobrevivência física, mas também da integridade de sua essência, a ética que deve preservar ambas precisa ir além da sagacidade e tornar-se uma ética do respeito (JONAS, 2006, p.21).

A análise e o legado do pensamento de Hans Jonas (2006), no âmbito da ética, chama atenção ao problema do futuro da humanidade, da violação do ser humano e da natureza, para a autodestruição da vida no planeta, causada pela aposta incondicional no ideal moderno de progresso, pautado pela exploração da natureza por meio da técnica.

Uma ética fundada na amplitude da existência, do Ser, pode ter significado a partir do imperativo o qual Jonas propõe, fazendo uma releitura do imperativo kantiano: “Age de tal maneira que os efeitos de tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma vida humana autêntica.” (JONAS, 2006, p.18). Dessa forma, apresenta-se a fundamentação do princípio da responsabilidade, como parte da “desconstrução” da natureza e a “reconstrução” tecnológica do ser humano e do meio ambiente. Remeto-nos assim, ao compromisso de não acreditar nas fatalidades que a vida pode ocasionar, mas acreditar que a mudança de paradigma no sentido de desconstruir modelos que se apresentam como hegemônicos.

¹ Professor SEDUC RS, Doutorando UNIJUI/PPGEC 2016, Bolsista CAPES. E-mail: miltoncesargerhardt@yahoo.com.br

² Doutor em Ciências Educativas pela Universidade de Münster/Alemanha (WWU). Professor do PPGEC - Programa de Pós Graduação em Educação nas Ciências da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUI/RS. E-mail: wfrantz@unijui.edu.br

Embora, os modelos hegemônicos, estão embasados em crenças e teorizações nem sempre fáceis de serem contrapostas enquanto uma imposição histórica, social e cultural.

Em tempos que vemos o ser humano e o planeta ameaçados, necessitamos outras formas de pensar e organizar a vida como expressão de um todo. Nesse sentido, a ética como uma reflexão profunda sobre a vida pode nos auxiliar em apontar reflexões sobre os valores e fins a serem buscados como meios de conseguir uma transformação do modo de vida, pautada pelo ter e não pelo ser.

A responsabilidade é princípio primordial e norteador deste momento da história de utopias caídas e novos paradigmas levantados, no qual o ser humano busca desesperadamente categorias que o ajudem a continuar vivendo uma vida digna e que continue merecendo o nome de humana (JONAS, 2006, p.19).

Tendo a responsabilidade como grande tema, Hans Jonas discute o princípio da vida no sentido de que expõe e ampara a discussão, mostrando a gravidade da expansão do poder técnico, que põe em risco a existência humana no futuro. A compreensão da vida surgida na era moderna fez com que o conhecimento deixasse de ser realizado pela vida da contemplação e passasse a ser formulado como utilidade, no campo das modernas ciências da vida, que visam, na verdade, a um uso prático objetivado pela necessidade do domínio da natureza.

Se o mundo antigo celebrava o ser e o saber como fins em si mesmos, o mundo moderno transformou o conhecimento do ser em uma estratégia utilitarista cuja finalidade é dominar a natureza pela via da exploração de suas fontes de energia. A nova face do conhecimento, assim, tenta capacitar o homem para melhorar as condições de vida no planeta à custa do rebaixamento da natureza a um mero meio. O homem separa-se da natureza e transforma-se em seu algoz por meio da imposição de seu novo poder técnico (SANTOS; OLIVEIRA; ZANCANARO, 2011, p.10).

A ética, contudo, como reflexão sobre o agir humano e suas potencialidades, não acompanhou o debate enquanto um compromisso à adequação do Ser e o “dever ser”. Dessa forma, para Jonas refletir sobre o comportamento do ser humano em relação à natureza desponta como tema central da reflexão política e faz surgir novas questões, que acabam perguntando sobre quais seriam as melhores opções para enfrentarmos as ameaças do futuro e que se apresentam, por vezes, como catastróficas?

Pensar a ética e a responsabilidade como “pão nosso de cada dia”, acaba por ser, um triunfo como um princípio vital e ético, a partir da reflexão crítica que o autor Hans Jonas percebeu ao longo de toda a sua vida e que continua a nos perturbar como algo a ser buscado por todos os seres humanos!

REFERÊNCIAS

JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade**: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

SANTOS, Robinson; OLIVEIRA, Jelson; ZANCANARO, Lourenço. **Ética para civilização tecnológica em diálogo com Hans Jonas**. São Paulo: São Camilo, 2011.